

SÉRGIO SANT'ANNA

O livro de Praga

Narrativas de amor e arte



Copyright © 2011 by Sérgio Sant'Anna

Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A coleção Amores expressos foi idealizada por RT/ Features

Capa

Retina_78

Foto de capa

<completar>

Edição

Heloisa Jahn

Preparação

Eliane Santoro

Revisão

Camila Saraiva

Luciane Helena Gomide

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sant'anna, Sérgio

O Livro de Praga : narrativas de amor e arte / Sérgio Sant'anna.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1861-8

1. Ficção brasileira 1. Título.

11-03992

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

- A pianista, 9
- A suicida, 43
- A crucificação, 61
- A boneca, 78
- O texto tatuado, 102
- A tenente, 123
- O retorno, 132

A pianista

Não importa a cidade onde você esteja, Andy Warhol sempre estará lá, foi o que pensei quando, flanando por Praga, avistei o nome do artista pintado em enormes letras coloridas num grande muro nos fundos de um prédio à margem do rio Moldávia. Só o seu nome e mais nada, e era impossível não vê-lo de vários lugares, mesmo relativamente distantes, da cidade, e tornava-se evidente que devia haver uma exposição, e bastou seguir a direção daquelas letras que fui dar num museu chamado Museu Kampa, na ilha do mesmo nome, com dois braços do rio interligados.

A exposição tinha o título fortemente expressivo de *Disaster Relics* e, entrando na sala de boas dimensões em que era exibida, tive primeiro as sensações vindas do conjunto, recebendo o impacto de estar diante de obras de um artista que sempre me provocou fortes impressões. E foi como se eu visse, simultaneamente, os retratos de Marilyn Monroe e Elvis Presley, o autorretrato do artista, os desastres de carro etc., e os letreiros bem visíveis com fragmentos de entrevistas de Warhol.

Logo fui postar-me próximo a dois trabalhos que mostravam

imagens tétricas de pessoas esmagadas em ferragens de automóveis, imagens ainda mais impressionantes por se tratarem de apropriações de fotos de jornais, portanto o choque da realidade. E estavam lá, nas paredes, as palavras do artista entrevistado por G. R. Swenson:

Eu acho que foi a grande foto de um acidente de carro e a manchete: 129 MORREM. Eu estava pintando também as Marilyns. E me dei conta de que tudo o que estava fazendo era Morte. Era o Natal, ou o Dia do Trabalho — um feriado — e toda vez que você ligava o rádio eles diziam, “4 milhões vão morrer”. Foi assim que tudo começou.

Logo adiante, junto a outro terrível acidente, com mais um corpo esmagado:

Mas quando você vê uma foto aterrorizante um monte de vezes (*over and over again*), ela acaba por não produzir nenhum efeito.

Esse esvaziamento talvez fosse bem representado nesta outra fala, também inscrita na sala do museu e no catálogo da exposição:

Tenho certeza de que vou me olhar no espelho e não ver nada. As pessoas estão sempre me chamando de um espelho, e se um espelho olhar no espelho, o que haverá para ver?

Sim, uma pretensão ao nada e ao vazio. E o autorretrato do artista, de fato, o esvaziava de toda expressão.

A morte também estava significativamente presente em *Caveiras* e *Cadeira elétrica*, ambas com imagens e cores trabalhadas, e causava uma impressão muito forte a cadeira elétrica vazia do

humano, como se condenados à morte já houvessem passado ou ainda fossem passar por ela.

Também no retrato de Marilyn havia uma intervenção expressiva, não só pela foto selecionada como pelo vermelho vivíssimo do batom borrando os lábios da atriz; pelas pálpebras pintadas de cor-de-rosa e pelo cabelo dourado fosco. E ao olhar o retrato de MM o contemplador era transportado a uma sensação de grande melancolia, a maquiagem no rosto como uma verdadeira máscara atrás da qual se podia capturar a solidão ou mesmo uma ausência de vida em Marilyn.

Entre outros trabalhos, havia, impressa numa tela, uma foto dupla de Jacqueline Kennedy, inteiramente desglamourizada, em estado de choque, flagrada nas horas que sucederam ao assassinato de seu marido, o presidente, sobre quem AW disse:

Eu fiquei excitado de ter Kennedy como presidente; ele era bonito, jovem, inteligente — mas não me perturbava tanto que estivesse morto. O que me perturbava era a maneira como a televisão e o rádio programavam todo mundo para sentir-se muito triste.

Sim, Warhol, ao mesmo tempo que lidava com tragédias, procurava reduzi-las — ou não passaria tudo de uma representação? — ao banal, na repetição, à nadificação, e o título do artigo de Aneta Georgievska-Shine no catálogo da exposição era: “Os desastres de Warhol e o zen do mesmo”.

Nomeou bem, a articulista, mas o simples fato de designar como zen a obra e a atitude de Andy já deixava claro que as imagens e palavras do artista não eram passíveis de ser reduzidas a outra linguagem que não as delas mesmas, essa era uma das muitas coisas que eu pensava, imerso na atmosfera da exposição e atento a cada uma de suas peças.

Não sei quanto tempo mais eu teria ficado por ali, vendo e

revendo os trabalhos de Warhol, deixando-me levar por eles, naquela mostra com não muitas obras. Mas, subitamente, ouvi acordes distantes de um piano tocado em alguma parte mais afastada do museu, que repercutiam, abafadamente, ali na sala da exposição e me impressionaram vivamente e depois criaram em mim uma sensação de irrealidade, como se não houvessem soado de fato, pois ecoaram por breves instantes aos quais sucedeu o silêncio repentino. Acordes de uma composição que parecia extraordinária e atordoante, por sua força expressiva, com os dedos de duas mãos que tocavam, teclas de agudos e de graves, de forma ao mesmo tempo harmônica e dissonante. Enfim, clarões sonoros, com a brevidade de relâmpagos.

Passados alguns momentos de perplexidade, deixei a sala e me encaminhei até o balcão de recepção e venda de ingressos, no saguão do museu. Lá perguntei a uma jovem funcionária, com uma blusa em que estava gravado em letreirinhas *Musea Kampa*.

— Para ouvir o concerto devo comprar ingresso aqui?

— Concerto? — a moça pareceu surpresa.

— Estava vendo a exposição de Andy Warhol — eu disse — e ouvi, por alguns instantes, acordes de piano vindos daqui do museu, acho que do andar superior.

— Um momento, senhor, que vou chamar a senhora Agnevska — a jovem disse, e sumiu por uma porta. Logo voltou acompanhada de uma mulher de seus quarenta anos. Não estava uniformizada, mas tinha uma espécie de postura oficial. Devia ser a chefe da mais jovem e não sorria quando me disse:

— Ah, então o senhor quer assistir ao concerto? — E acrescentou para a outra, sempre em inglês, com toda a certeza para que eu também a entendesse:

— Alguém deve ter aberto a porta enquanto a senhorita Kromnstadt estudava, talvez ensaiasse para tocar para o senhor conde.

— Sim, e eu ouvi. Também quero estar presente ao concerto — eu disse.

Ela deu um ligeiro sorriso, que me pareceu irônico, e me examinou de cima a baixo, como se me avaliasse, a barba por fazer, meu velho blazer, a calça jeans, tênis, os trajes casuais, enfim. E acabou por dizer:

— Senhor, as performances da senhorita Béatrice Kromnstadt são para uma audiência personalizada e custam em torno de três mil euros, às vezes mais, às vezes menos, dependendo de como a senhorita Kromnstadt avaliar o ouvinte e espectador.

Levei um susto com aquele preço, que valorizava muito a pianista e atiçava o meu desejo de vê-la e ouvi-la. Mas aceitá-lo ou não, não dependia de mim.

— Bem, senhora, preciso consultar alguém que é responsável por minhas despesas na cidade. O preço não é nada barato.

Ela continuava a medir-me com certo desdém.

— Ah, se você duvida que uma audição da senhorita Kromnstadt vale isso...

— Não, pelo contrário, pelo pouco que ouvi vale muito. Interessou-me vivamente.

— E saiba que o preço não é tudo. É preciso que a senhorita Kromnstadt aceite o pretendente à audição. Ela e o senhor Svoboda.

— Svoboda?

— Você nunca ouviu falar de Demetrius Svoboda?

Eu estava totalmente na defensiva:

— Desculpe-me, acho que já ouvi o nome — menti. — Ele estaria presente?

— Não na sala de concerto, mas é o diretor de tudo, o responsável pela concepção do concerto. As performances são irrepetíveis e, em geral, a partir da obra de Constantin Voradeck. Desse compositor o senhor já deve ter ouvido falar.

Realmente eu já ouvira falar, aqui e ali, embora nunca houvesse escutado uma de suas composições, fato que preferi omitir.

— Voradeck, sim, claro. Voradeck, o grande renovador da música europeia — falei, como se fosse um entendido. — A senhora se importaria se eu me comunicasse pela internet com o senhor Roberto Martins, o meu patrocinador?

— E o seu nome, qual é?

— Antônio Fernandes.

— Bem, senhor Fernandes, aqui no escritório do museu não é permitido aos visitantes usarem a internet. Há um *internet café* logo ali no pátio. Mas, desculpe-me, é preciso informar tudo. O senhor recebe um patrocínio para quê?

Percebi que ela me tratava com um pouco mais de deferência e aproveitei a deixa:

— Faço parte de um projeto privado que envia escritores brasileiros a várias cidades do mundo, como Pequim, Tóquio, Cairo, fora as de sempre, Berlim, Paris, Nova York, para escreverem histórias de amor ambientadas na cidade que coube a cada um. Para mim foi designada Praga e fiquei muito feliz com isso. Me interessa tudo na cidade, inclusive as manifestações artísticas, como esse concerto. A música desperta fantasias sobre as quais se pode escrever, inclusive fantasias amorosas, ainda que um amor platônico, da alma.

A funcionária me olhava com outros olhos, sem dúvida, apesar de um pouco desconfiada:

— Bem, a senhorita Kromnstadt e o senhor Svoboda devem ser informados do seu projeto. Vou comunicar-me com o senhor Svoboda por e-mail; ele tem toda a liberdade de comunicar-se com a senhorita Kromnstadt a hora que quiser. E se a resposta for afirmativa, é preciso saber para quando podem agendar uma audição. Por favor, escreva o seu nome neste bloco para não haver erro, pois é possível que eles queiram consultar a *web* a seu

respeito. Quanto a sua imagem, ela está sendo filmada neste momento mesmo e será acessível para ambos, o diretor e a concertista. Agora, senhor Fernandes, vá ao *internet café* para contactar seu patrocinador.

O The Angels Internet Café — havia dois anjos entalhados na porta de madeira — era um lugar aconchegante, com sete mesas e um balcão, enquanto os computadores ficavam na parte de baixo do estabelecimento. Senti que estava ansioso e perguntei à moça que atendia no balcão se ela podia me servir uma dose de absinto, bebida que não era difícil encontrar na cidade. Ela me disse que, infelizmente, não tinha absinto, mas que poderia me servir uma becherovka, se eu quisesse.

— Está bem — eu disse, embora achasse essa bebida tcheca adocicada demais. — Quero também uma coca-cola e um sanduíche de queijo. Por favor leve lá para baixo, que vou usar a internet.

— Ok, pode usar o computador número quatro.

Em São Paulo eram cerca de nove e trinta da manhã e contactei Roberto em seu iphone. Com o trânsito engarrafado da cidade, ele iniciava o dia no banco de trás de seu carro, dirigido por um motorista.

Roberto era um homem de trinta e cinco anos, bastante rico, bem-humorado e que gostava de seu trabalho. Naquele momento profissional, costumava dizer que, dali de São Paulo, como um estrategista, comandava seus escritores e escritoras espalhados pelo mundo afora durante quarenta e cinco dias. Dizia ainda que se sentia coautor de todos os livros a serem escritos no projeto, e dos filmes que ia produzir a partir dessas obras.

Preferi usar um tratamento de choque, entrando direto no assunto, e digitei:

“Chefe, preciso que você amplie o limite do meu *worldcard* em quatro mil euros.”

“Mas que boa notícia logo tão cedo, Antônio. Posso ao menos saber em que você pretende gastar o dinheiro?”

“Três mil euros são para pagar a audição de uma pianista. E isso se eu for aceito. O restante é para outras despesas eventuais.”

“Quer dizer que eles cobram três mil euros e ainda impõem condições?”

“Isso mesmo, chefe.”

“Não dá para conseguir um lugar mais barato na sala de concerto?”

“É uma audição particular no museu Kampa, chefe.”

“Ah, entendo! E posso saber o nome da virtuose?”

“Béatrice Kromnstadt.”

“E por que você se sentiu atraído por uma audição particular dessa pianista?”

Expliquei a Roberto, da forma mais sucinta possível, como as coisas haviam se passado, e valorizei o acaso que me levara a querer ouvir a senhorita Kromnstadt. Ele me pediu que lhe desse meia hora para fazer consultas na internet e, possivelmente, providenciar um novo limite no meu *worldcard*.

Aproveitei o intervalo para comer e beber o que havia pedido e que uma garçonete acabara de trazer. Com a mão esquerda, vagarosamente, eu fazia consultas na *web* sobre o trio Béatrice, Svoboda, Voradeck.

Passada a meia hora, contactei novamente Roberto. Ele me apresentou um pequeno dossier com os dados da pianista correspondendo mais ou menos aos dados que eu mesmo obtivera, só que ele conseguira também ver e ouvir a pianista.

“*Béatrice Kromnstadt, 25 anos, pianista clássica eslovena que goza de prestígio em certos círculos musicais e teatrais de vanguarda. Tem sua vida e audições cercadas de mistério, pois não dá*

entrevistas nem admite gravações de seus concertos. Mas consegui vê-la e ouvi-la no youtube, numa gravação clandestina, tocando por três minutos as *Trois Gnossiennes*, de Erik Satie. Bastante bonito e atraente, embora Béatrice só seja vista de costas, envolta em certa obscuridade. Mas deu para perceber que é uma figura bela e etérea. Diz ainda o *post* que em geral a pianista executa peças do compositor tcheco Constantin Voradeck, sabia disso?”

“Sabia, chefe, um compositor conhecido pelo seu lado experimental e iconoclasta, acabo de ler na internet.”

“Sabia também que Voradeck teve um fim de vida trágico num manicômio?”

“Sim, eu li isso.”

“Pois é, e me informei também que Béatrice, em suas performances, é dirigida por Demetrius Svoboda, que não tem limites em sua criatividade transgressiva. Talvez você já tenha sido informado disso.”

“Só em parte, chefe.”

“Bem, Antônio, enquanto trocávamos estas mensagens eu liberava aqui mais sete mil dólares no seu *worldcard*. Está satisfeito?”

“Estou, agora só me resta saber se serei admitido para uma audição da pianista. De todo modo, muito obrigado.”

“Você sabe por que sou tão pródigo na liberação de crédito para os meus patrocinados, Antônio?”

“Generosidade, Roberto.”

“Não é só isso, meu querido. É porque, depois da pequena fortuna inicial que cada um me custa, só me resta ir em frente, investindo mais para obter um retorno mais adiante, nos livros e filmes. Até logo, Antônio.”

“Até logo, chefe.”